

A dor de quem tem parentes no fogo cruzado

Em Brasília, médico tenta contato com filhos e netos em Gaza que quase morreram em bombardeio; em São Paulo, engenheiro recebe mensagens cifradas sobre o filho, único brasileiro franco-atirador do Exército israelense



Olho no noticiário. O engenheiro Marcelo Kreimer, de São Paulo, tem um filho que está servindo no Exército de Israel



Tensão constante. Ahmad Shehada tem filhos e netos palestinos que estão na Faixa de Gaza sem conseguir sair

JULIANA CAUSIN
jcausin@globo.com.br
SÃO PAULO

A produtividade no trabalho do engenheiro civil Marcelo Kreimer, de 63 anos, morador de São Paulo, caiu no último mês. Ele acordava e acordava de olho no noticiário sobre a guerra entre Israel e o Hamas. Kreimer não fala com o filho há duas semanas, quando soldados israelenses começaram a preparar a incursão terrestre na Faixa de Gaza. Alexandre Kreimer, de 21 anos, é o único franco-atirador brasileiro das tropas israelenses.

É difícil ter cabeça pro trabalho. Não podemos parar, mas a cabeça fica o tempo todo pensando nisso — diz.

MEDO E ORGULHO

Seu filho integra um pelotão do Exército com 25 pessoas.

— Ele me ligou numa segunda-feira, dizendo que estava separando o equipamento, pois ia pra Gaza. Desde então, não consigo contato. Eles são proibidos de levar celular, para não ter o sinal rastreado — explica Kreimer. — É um misto de medo, ansiedade e muito orgulho. O engenheiro chegou a receber algumas mensagens curtas, em hebraico, com notícias do filho. Uma delas dizia: “É início de sabá, eles estão bem”. A família consegue alguma informação de Alexandre, pois o pai de um dos soldados do pelotão enviava mensagens vez ou outra pelo WhatsApp. Textos curtos e “só quando dá”.

Alexandre mudou-se para Israel quando tinha 15 anos para estudar em uma cidade próxima de Tel Aviv. Quando o período do intercâmbio estava perto do fim, pediu para ficar. Obteve a dupla cidadania e, como acontece com todo israelense que completa 18 anos, serviu nas Forças Armadas. Ficou no Exército por dois anos e oito meses.

— Em março deste ano, ele

comemorou ter tido baixa. Estava trabalhando e fazendo cursos. Alugou um apartamento em Tel Aviv com três amigos, dois deles brasileiros — conta Kreimer.

Um dos amigos era Rana Glazer, de 23 anos. O jovem foi um dos três brasileiros mortos nos ataques terroristas do Hamas a Israel em 7 de outubro. Ele estava na rave invadida pelos terroristas. No dia seguinte, Alexandre foi convocado a se apresentar às Forças Armadas israelenses, assim como 360 mil reservistas.

A brasileira Malvina Waisberg, de 59 anos, não faz como Marcelo Kreimer. Todos os dias ela se desliga do noticiário por volta das 18h.

— Ou você não sobrevive. Pra me proteger psicologicamente, também acompanho apenas três fontes de informação — diz.

Ela mora em Israel desde 2018, mas deixou o país temporariamente no início da guerra, que acompanha à distância, de São Paulo. Presidente da ONG Olim do Brasil, ela conversa todos os dias com a filha, tam-



“Tenho um misto de medo, ansiedade e muito orgulho dele”

Marcelo Kreimer, engenheiro e pai de Alexandre, franco-atirador do Exército israelense

“Rezo muito, todos os dias, para que tudo acabe logo e eles possam voltar para casa em paz”

Dora, que tem quatro netos no Exército israelense e pediu para que seu nome fosse preservado por medo de atos antissemitas

bém brasileira e moradora de Haifa, no norte de Israel. Avidalá “está praticamente normal”, com escolas, comércio e empresas funcionando. A cidade fica a 50 quilômetros da fronteira com o Líbano. As sirenes com alerta para bombas, conta a filha, tocam apenas algumas vezes.

REZAR É O QUE RESTA

Os netos de Dora são parte desse grupo de brasileiros que migraram para Israel. Assim como o filho de Kreimer, os quatro servem no Exército, mas nas tropas estacionadas no norte do país.

— Todos foram chamados (para a guerra). Rezo muito, todos os dias, para que tudo acabe logo e eles possam voltar para casa em paz. É o que resta, rezar — diz.

A aposentada pediu ao GLOBO para não ser identificada na matéria “pelo que aconteceu esta semana”, referência à Operação Trapiche, da Polícia Federal, que prendeu dois homens ligados ao grupo xiita libanês Hezbollah, suspeitos de planejar ataques terroristas no Brasil.

O antissemitismo é também um temor de Kreimer. O pai de Alexandre está “assustado e desorientado com onda de atos antissemitas que veio à tona”. A Confederação Israelita do Brasil (Conib) informa que o registro de denúncias de antissemitismo cresceu 961,36% em outubro, na comparação com o mesmo período no ano passado — 44 para 467 casos. Os suspeitos presos pela PF, segundo os investigadores, tinham como alvo a comunidade judaica.

Marcelo Kreimer, Malvina Waisberg e Dora estão entre os 120 mil judeus do Brasil, segundo a Conib. É a segunda maior população judaica da América Latina, atrás apenas da que vive na Argentina. Segundo o Itamaraty, 14 mil brasileiros vivem em Israel.

JULIANA CAUSIN E LAURA MARIANO
jcausin@globo.com.br
SÃO PAULO

O médico Ahmad Shehada, de 58 anos, recebeu uma notícia mais recente da filha na quarta-feira: “Estamos bem.” Foi uma mensagem curta, que veio de algum ponto do sul de Gaza, onde ela, o marido e os filhos buscam abrigo das bombas.

— Estar bem significa que estão vivos — diz o médico.

Radicado há 15 anos no Brasil, Shehada, que vive em Brasília, tem quatro filhos, de 20 a 33 anos, e cinco netos, de 1 a 8 anos, na Faixa de Gaza. A comunicação é difícil, com o constante blecaute às redes de telefonia e internet do enclave. E seus filhos dependem da solidariedade de quem não teve de deixar a própria casa, como eles, para carregar seus celulares.

— Eles arriscam a vida para procurar um vizinho que não tenha tido sua casa bombardeada, como a deles, e com eletricidade para carregar o celular. Às vezes, fico dias sem contato — diz o médico ao GLOBO. — Eles fugiram para o sul da Faixa de Gaza, pois a casa deles foi destruída. Por um milagre, estão vivos. Mas não sabemos até quando.

SEQUÊNCIA DE PERDAS

Shehada nasceu na Cidade de Gaza, no Hospital Árabe al-Ahli, atingido há três semanas. Seus pais vieram de uma cidade que desapareceu do mapa. Com a formação de Israel, em 1948, Jaffa, onde nasceu, foi unida a Tel Aviv. Foi quando os Shehada se mudaram para o enclave agora invadido pelas forças israelenses, e onde mais de 11 mil pessoas, segundo o Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo Hamas, morreram desde o início da guerra.

Como outros palestinos no Brasil, com parentes e amigos em Gaza, o médico acompanha cada desdobramento da guerra pelo noticiário e por

informações de compatriotas. Seus filhos nasceram na Bósnia, onde Shehada viveu antes de imigrar para o Brasil. Sem cidadania brasileira, eles não estão na lista do Itamaraty para repatriação. A Bósnia também não está entre os países que conseguiram retirar seus cidadãos de Gaza.

— Pedi ajuda do governo brasileiro. Me disseram que iam avaliar, mas não tive retorno. Agora estou tentando com o embaixador da Bósnia em Ramallah, mas não é um país com muita força — diz ele, que comanda o Instituto Brasil-Palestina (Ibraspal).

Segundo o Itamaraty, até o fim do ano passado, 6 mil brasileiros viviam nos territórios palestinos. A Federação Árabe Palestina do Brasil (Fepal) estima que cerca de 60 mil palestinos e descendentes moram no Brasil.

Maynara Nafe faz parte desse grupo. Aos 21 anos, ela já conhece a dor de perder um parente na guerra. O primo foi alvejado pelas costas pelo Exército israelense na Cisjordânia, quando participava de um protesto, há mais de uma se-



“Meus filhos e netos fugiram após a casa ser bombardeada. Por um milagre, estão vivos. Mas não sabemos até quando”

Ahmad Shehada, médico e diretor do Instituto Brasil-Palestina, tem quatro filhos e cinco netos em Gaza

“Uma ida ao mercado pode fazer com que eles nunca mais voltem pra casa”

Maynara Nafe, brasileira de origem palestina, com familiares na Cisjordânia

mana. Ela ainda não teve tempo para processar o luto, diante de todas as atividades relacionadas à guerra que desenvolve no Fepal.

Desde 7 de outubro, sua família tenta contatar os parentes diariamente. Alguns, nascidos no Brasil, como ela, voltaram a viver nos territórios em 2010, a maior parte na Cisjordânia.

DORMIR COM VÉU

Nas localidades mais próximas dos assentamentos de colonos israelenses, autoridades detectaram aumento da violência.

— Eles têm se alimentado do que plantam, pois uma simples ida ao mercado pode fazer com que nunca mais voltem pra casa. Minhas tias dormem com véu, pois a qualquer momento alguém pode invadir a casa — conta.

Os familiares da médica Mayra Housein, de 28 anos, enfrentam situação similar. Uma preocupação é com um primo ativista pela independência palestina que tem atuação reconhecida no território. A médica também teme nunca poder conhecer a terra natal de seu avô.

As brasileiras de origem palestina compartilham do mesmo medo: ter a comunicação com suas famílias completamente impossibilitada. O receio vem de relatos sobre sinais de chips cortados e blecautes de energia.

Elas também citam a apreensão com a violência crescente contra a população de árabes e descendentes no Brasil. Estudo da USP, no ano passado, mostrou que a maioria das vítimas de islamofobia no país são mulheres, 92% por violência verbal. Ativa nas redes sociais, Maynara Nafe conta que as agressões pelo Instagram aumentaram desde o começo da guerra.

*Estagiária sob a supervisão de Maurício Xavier

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo **Página:** 25